

Atuações da terapia ocupacional no contexto museológico: sensibilização para a diversidade

Desirée Nobre Salasar^a, Larissa Dall’Agnol da Silva^a, Francisca Ferreira Michelin^b

^aCurso de Bacharelado em Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, RS, Brasil.

^bUniversidade Federal de Pelotas – UFPel, RS, Brasil.

Resumo: O artigo reflete sobre os resultados da atuação do terapeuta ocupacional em um museu. Para tal, são abordadas questões que caracterizam os domínios do ambiente museológico, apresentando-o como um lugar possível para o exercício da profissão, bem como se discute quais atividades podem ser realizadas pelo profissional de terapia ocupacional em um museu, qual a sua relevância e qual a diferença da realização quando feitas pelo terapeuta ocupacional e por outro profissional. Desse modo, o objetivo principal do estudo foi apresentar um novo campo de atuação para o terapeuta ocupacional, destacando a relevância das atividades de sensibilização do público e como estas podem influenciar nas vivências museológicas do visitante. São relatadas duas atividades distintas com a temática de sensibilização para a deficiência visual, executadas em 2015, no Museu da Comunidade Concelhia da Batalha, em Portugal. Relatam-se as atividades e analisam-se os resultados buscando aferir qualitativamente a participação do público e a sua resposta ao impacto que tais atividades podem surtir na inclusão cultural de pessoas com deficiência visual.

Palavras-chave: *Cultura, Deficiência Visual, Inclusão Social.*

Performances of Occupational Therapy in the museum context: awareness of the diversity

Abstract: The paper discusses the Occupational Therapist actions in a museum. Therefore we approach issues that characterize the areas of museum environment presenting it as a possible workplace for the professionals, and will discuss which activities can be performed by professional occupational therapy in a museum, its relevance and the achievement gap when performed by the occupational therapist and other professionals. Thus, the study’s main objective is to present a new occupational therapy work field for the highlighting the importance of public awareness activities and how these can influence the museum visitor experiences. We report two distinct activities with visually impaired awareness theme, conducted between February and March 2015, at the Batalha Community Museum in Portugal. We report the activities and analyze the results, seeking to qualitatively assess the public participation, and its response to the impact that such activities may bear in the cultural inclusion of visually impaired people.

Keywords: *Culture, Vision Disorders, Social Inclusion.*

1. Introdução

A terapia ocupacional, desde as origens da profissão, custa encontrar uma conceituação que consiga abranger a pluralidade da ocupação humana. Segundo Carvalho (2010, p. 15), “Uma profissão pode ser entendida como produto de seu tempo [...]”, por isso, de maneira breve, remontar-se-á ao início da fundamentação da terapia ocupacional.

Entre os fundadores da profissão, encontra-se Eleanor Clark Slage, associada à Hull House¹. Suas ideias baseavam-se no

[...] princípio de que o comportamento só pode ser organizado pelo agir, pela utilização ativa e intencional do tempo no contexto de uma vida normal [...] (CARVALHO, 2010, p. 17).

Segundo Carvalho, estas ideias foram determinantes na constituição teórico-prática da profissão.

Entretanto, quando se fala em cultura, é importante destacar que, apesar de parecer uma vertente nova da profissão, ela encontra-se desde o seu nascimento, baseando-se na experiência de Slage na Hull House e no Movimento de Artes e Ofícios². Embora durante um período da história da terapia ocupacional esta vertente tenha sido subvalorizada, é retomada no presente e contempla o acesso cultural às pessoas com deficiência.

A ocupação humana, sendo o objeto de estudo da terapia ocupacional, é definida como:

Atividades diárias que refletem os valores culturais, fornecem a estrutura para a vida e significado para os indivíduos; essas atividades reúnem necessidades humanas de autocuidado, entretenimento e participação na sociedade (CREPEAU; COHN; SCHELL, 2003, p. 1031).

No Brasil, a trajetória de consolidação da atuação da profissão privilegiou atividades relacionadas à saúde mental em detrimento a outras possíveis no campo da cultura. Sugere-se que esta letargia na resposta de uma profissão que se anunciava promissora para a inclusão de pessoas no exercício e na fruição das expressões culturais esteve relacionada à trajetória dos avanços da legislação que versa sobre os direitos das pessoas com deficiência. Portanto, ao se falar da atuação do terapeuta ocupacional em museus, de igual modo se está referindo a um tema pungente na área da cultura: a inclusão da pessoa com deficiência.

O ano de 2009 é um marco na relação entre museus e inclusão cultural no Brasil, que se observa no texto da Lei 11.904/2009 (BRASIL, 2009), que define o Estatuto dos Museus, em especial no Artigo

2º no qual se listam os seis princípios fundamentais dos museus, dentre os quais está “a valorização da dignidade humana; a promoção da cidadania; a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural”. Esta lei tanto define a instituição museológica quanto traça os contornos da sua missão, indicando a função social basilar, doravante de notável caráter inclusivo. Ao definir o que é o museu, a Lei o compromete a ser lugar de convívio social pleno, o que o leva, de modo inelutável, a buscar condições que ampliem e diversifiquem o seu público. Porém, conseguir receber públicos que apresentem deficiências sensoriais, intelectuais e motoras é, sobretudo, tornar o espaço do museu um lugar acessível. Esta, obviamente, é tarefa difícil.

A Lei do Estatuto dos Museus surge em um contexto no qual a inclusão é meta de uma política nacional que abarca, também, o acesso cultural para pessoas com deficiência visual previsto tanto no Decreto-Lei 5.296, de 5 de agosto de 2004 (BRASIL, 2004), como na promulgação do texto da Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência no Decreto-Lei 6.949, de 25 de agosto de 2009. Seria desejável e esperado que, passados seis anos, os museus brasileiros já estivessem preparados para receber este público, sem nenhum tipo de barreira de acessibilidade – atitudinal, comunicacional, arquitetônica, metodológica, programática ou instrumental. No entanto, o processo ainda está em curso e os resultados, embora existentes, não são plenos.

O exercício de reflexão apresentado neste texto versa sobre uma experiência realizada no Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (MCCB). Este espaço, criado há apenas quatro anos, localiza-se em uma Vila (como é denominada uma cidade pequena em Portugal) que possui pouco mais de 15 mil habitantes. Este museu, criado para contar a história do Concelho da Batalha, foi projetado para ser um museu inclusivo.

Ao assumir-se como um museu inclusivo, o MCCB oferece-se a todos os visitantes através de um programa museológico potenciador de experiências únicas e personalizadas. Esta vontade de servir a “todos”, no respeito pela diferença, traduziu-se em pequenos gestos que, todos somados, tornam este espaço acessível, confortável e seguro (BATALHA, 2011, p. 14).

Responsável pelo programa de Acessibilidade do MCCB, Dra. Josélia Neves³ argumenta que o museu deve estar vivo para que se possa “ver, ouvir, tocar” e participar ativamente da construção dos sentidos.

Assim, o museu garante o acesso cultural aos mais variados públicos (pessoas com deficiência

– intelectual, sensorial e física –, estrangeiros, crianças, idosos), de forma que todos tenham acesso às mesmas experiências.

2. Objetivo

O objetivo principal deste artigo é refletir sobre as possibilidades de um novo contexto de atuação para os profissionais de terapia ocupacional a partir da experiência desenvolvida no MCCB e discutir o papel deste profissional no campo da acessibilidade cultural. Oportuniza-se, desse modo, pensar sobre o papel do terapeuta ocupacional em uma instituição museológica, sobretudo nos setores que prestam serviço educativo, justamente pelas ações deste que visam sensibilizar diversos públicos para a inclusão social e cultural.

3. Métodos

Desse modo, relatam-se duas atividades distintas, com a temática de sensibilização para a deficiência visual, realizadas no período de fevereiro e março de 2015, no MCCB.

As atividades aqui relatadas fazem parte do plano de estágio⁴ da autora, que recebeu um apoio do Ministério da Cultura através do edital Conexão Cultura Brasil – Intercâmbios para um estágio em Acessibilidade Cultural, com duração de um ano, no referido museu.

Durante este período, a autora deverá cumprir um total de 1040 horas, divididas em quatro horas por dia, cinco dias da semana, de forma a vivenciar ao máximo o cotidiano de um museu. Cabe ressaltar que, mesmo antes de começar a graduação em terapia ocupacional, a autora já era bolsista do programa de extensão “Museu do Conhecimento para Todos: Inclusão Cultural da Pessoa com Deficiência”⁵, em que teve formação em acessibilidade em museus e audiodescrição, com a já referida Dra. Josélia Neves.

A metodologia deste relato consistirá em descrever as atividades realizadas e apresentar os dados qualitativos e quantitativos para fomentar a discussão.

Os dados qualitativos foram colhidos através de um diário de campo⁶ utilizado pela autora para salvaguardar as suas percepções enquanto graduanda de terapia ocupacional. Dessa forma, o subjetivo torna-se parte do processo de avaliação para a atividade realizada.

No que tange aos dados quantitativos, estes foram colhidos por meio de um questionário fechado aplicado aos participantes ao final das atividades.

O serviço educativo do MCCB já vem realizando, desde a abertura do museu, atividades inclusivas e de sensibilização, pois entende que estas são fundamentais para que o museu esteja mais próximo de seus visitantes e faça valer a sua missão de Museu de Todos. Estas atividades são realizadas pela equipe do museu, que conta com uma Conservadora de Museus e uma Técnica em Turismo; cabe ressaltar que ambas tiveram uma formação em acessibilidade com a Dra. Josélia Neves.

A primeira atividade que será descrita já compõe o programa do serviço educativo do MCCB e chama-se “Pintura às Escuras”. Esta é uma ação de sensibilização para entender como uma pessoa com deficiência visual tem acesso a uma pintura em um museu. Consiste em uma visita guiada normal, e em determinado momento os visitantes recebem uma folha de papel e um lápis. Em seguida, são vendados e ouvem a audiodescrição⁷ de uma pintura exposta no museu (Figuras 1 e 2). A atividade consiste na tentativa de os visitantes tentarem desenhar (Figura 3), com os olhos vendados, aquilo que estão



Figura 1. Grupo de visitantes esperando o início da audiodescrição.



Figura 2. A autora fazendo a audiodescrição para o grupo.

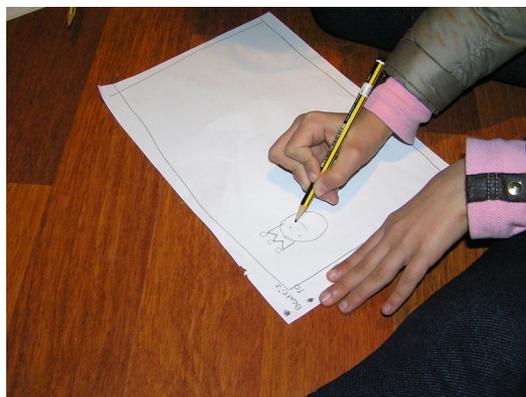


Figura 3. Desenho de uma visitante.

ouvindo e, posteriormente, comparar seu desenho ao quadro original.

Anteriormente, era feita uma descrição, sem pormenores, e a pessoa que estava conduzindo apenas explicava que aquela atividade era feita porque os visitantes se encontravam em um museu inclusivo.

Quando a autora começou a realizar esta atividade, por ter experiência em audiodescrição, a descrição do quadro foi pormenorizada.

Em seguida, foram realizadas conversas sobre a deficiência visual e quais recursos podem permitir que uma pessoa cega visite um museu, sem que haja nenhuma barreira.

A atividade contou com a participação de 40 alunos de uma escola da região.

A segunda atividade descrita foi planejada pela autora a pedido da responsável pelo museu, para que integrasse as ações que seriam realizadas no âmbito do projeto “Férias no Museu”.

A proposta consistiu em uma tarde com a temática da inclusão, que foi aceita e integrou a programação das “Férias da Páscoa no MCCB” em março de 2015.

A tarde consistia em uma conversa inicial sobre as deficiências, seguindo-se de uma visita temática ao MCCB, na qual os participantes, com olhos vendados, exploraram através dos outros sentidos as estações espalhadas pelo museu (Figuras 4 e 5). Em seguida, assistiram um curta-metragem sobre inclusão escolar. Seguiu-se um debate sobre o tema do filme assistido.

Na sequência, os participantes foram vendados novamente e seguiram para um passeio pela Vila da Batalha (Figura 6), em que deveriam comentar quais eram suas maiores dificuldades e explorar a audição e as sensações provocadas pelo ambiente. Para encerrar, foi feita uma brincadeira que exigia do participante a superação da falta de visão e que ele confiasse em seus companheiros para concluir a



Figura 4. Participantes passando por um tapete sensorial dentro do museu.



Figura 5. Estação do Tato – exploração de diferentes texturas ligadas à exposição permanente do MCCB.



Figura 6. Visita à Vila com os olhos vendados.

atividade. A tarde da inclusão teve 14 participantes com idade entre 6 e 12 anos.

4. Resultados/Discussão

Ambas atividades realizadas no Museu da Comunidade Concelhia da Batalha tiveram uma grande adesão por parte dos visitantes. A primeira ação descrita neste estudo foi amplamente elogiada por parte dos professores que acompanharam o grupo de visitantes. Os professores comentaram a relevância deste tipo de atividades com as crianças para a construção de uma sociedade mais inclusiva, enfatizando a riqueza da experiência para os seus alunos. Segundo Michelon (2013, p. 191)

Aquele que escuta uma narração constrói mentalmente sua imagem do narrado, particularizando-a e fazendo-a única, talvez irreproduzível. Um pouco diferente é quando a narração ocorre sobre uma imagem já existente. É possível que o resultado da imagem formulada por quem escuta seja, ainda assim, de tal forma particular, que se dê como único.

As crianças, ao compararem seus desenhos com a pintura original, perceberam que cada um havia feito o desenho de uma forma diferente e que nenhum estava igual à pintura. Isto evidencia que, por mais que a narrativa seja a mesma para todos, ela torna-se singular pelo fato de refletir aspectos subjetivos e a bagagem cultural inerente às vivências de cada sujeito.

Consequentemente, as crianças acabaram por questionar ainda mais sobre a deficiência visual e, consequentemente, sobre a falta de recursos de acessibilidade nos museus que já haviam visitado. Ao dar continuidade à visita guiada, no piso superior do museu, as crianças encontraram mais alguns recursos e, imediatamente, associaram estes à discussão anterior, e foram capazes de formular novas opiniões.

De acordo com Michelon (2013), a audiodescrição tem sido empregada em diversos campos, entre eles na educação e em produtos culturais, e tem cumprido sua meta de ser um recurso potencializador para a inclusão das pessoas com deficiência visual na sociedade. Entretanto, em

[...] contextos culturais, sobretudo, ela tem encontrado entusiastas que a defendem para além de uma ferramenta de acessibilidade, desvendando na proposta possibilidades de educação para os produtos visuais, especialmente para as imagens móveis ou estáticas (MICHELON, 2013, p. 192).

Em afirmativa com esta discussão acerca da audiodescrição, evidenciou-se que este recurso, para além de garantir o acesso à informação para as pessoas com deficiência, pode tornar lúdica a explicação de uma obra de arte em um museu e, desse modo, ampliar as possibilidades do visitante, permitindo-lhe assumir o papel de um sujeito ativo que constrói a sua narrativa através da potencialização dos seus sentidos.

No que tange à ação realizada nas “Férias da Páscoa no MCCB”, foi feita uma avaliação quantitativa das atividades executadas durante a semana, em que 11 participantes responderam a um questionário fechado.

A aprovação das atividades foi unanimidade entre os participantes. As opções que o questionário fornecia: “Não gostou; Gostou mais ou menos; Gostou; Gostou muito”. Todos optaram pela última alternativa.

Ademais, durante as atividades que seguiram no decorrer da semana, observou-se nas crianças um discurso de defesa dos direitos das pessoas com deficiência, em especial, voltado ao acesso à cultura.

Destaca-se entre o discurso destas crianças uma fala anotada no diário de campo da autora:

Uma menina participante das atividades, no último dia vai à casa de banho⁸ das pessoas com deficiência e argumenta que podia usar ela, pois não havia ninguém lá. A outra menina que estava junto (com seis anos de idade) replica: “[...] *a casa de banho não é para pessoas com deficiência, é para todos. Ela tem uma adaptação e por isso ela é igual ao “nosso museu”, é para todos!*” (Fala transcrita pela autora).

Nesse momento, percebeu-se que a mensagem implícita nas atividades fora, de fato, internalizada por alguns participantes. Para além do discurso da inclusão, imposto na fala da menina, notou-se a construção de um vínculo afetivo com o museu, desenvolvido com a profundidade que as atividades de sensibilização trazem para quem as vivencia.

O diferencial destas atividades, especificamente desenvolvidas por uma acadêmica de terapia ocupacional, baseia-se na análise de atividade.

Este instrumento exclusivo deste profissional permite esmiuçar cada pedaço da atividade, percebendo desde os materiais que serão necessários até os riscos que a atividade poderá oferecer aos participantes.

Dessa forma, antes da realização, o terapeuta ocupacional saberá, entre outras coisas, o que será trabalhado (físico, mental ou social) em cada momento da atividade. Assim, é importante que

seja fomentada a reflexão acerca do papel deste profissional em um museu.

O olhar terapêutico ocupacional caracteriza o processo ensino/aprendizagem que contribui significativamente para a formação do terapeuta ocupacional. A eficácia das atividades de sensibilização aqui apresentadas abrangem o seu planejamento, a análise das ações diante do discurso acerca da inclusão cultural e a defesa das políticas públicas direcionadas para os direitos das pessoas com deficiência. A transmissão difusa entre o sujeito, o profissional e a comunidade ocorre através da potência das percepções dos participantes entrelaçadas à cultura.

5. Conclusão

Através dos dados aqui apresentados, conclui-se que os visitantes participaram de atividades de sensibilização no Museu da Comunidade Concelhia da Batalha interessados e integrados ao processo, evocando maior compreensão acerca da pluralidade da sociedade que os permeia e da relevância das vivências culturais museológicas na vida de uma pessoa com deficiência visual. Possibilita, assim, um olhar crítico sobre os espaços de lazer e cultura como lugares onde todos os sujeitos devem ser iguais perante a aplicação das leis.

Todas as atividades foram analisadas e elaboradas para que o visitante sinta sua própria existência e que suas fragilidades são pequenas diante da experiência do que vive o outro. Observa-se que problematizar as sensações em si é um caminho para promover a sensibilidade e a solidariedade dentre os humanos. Assim, conclui-se que quando videntes vivenciam dificuldades que são enfrentadas pelas pessoas com deficiência visual nos ambientes museológicos, fazem-se capazes de compreendê-las e acabam por se tornarem capazes em contribuir com o acesso. Isto posto, entende-se que as atividades de sensibilização são significativas, pois instigam as pessoas a refletir acerca do mundo em que vivem e da pluralidade das condições nas quais se pode viver. Isto é exercício de cidadania.

Ao trabalhar estas atividades com o público infantil, acreditou-se estar fomentando um ambiente mais crítico que auxiliará a futura geração a reivindicar uma sociedade mais inclusiva e acessível para as pessoas com deficiência.

Assim, conclui-se que a terapia ocupacional tem um importante papel na tríade Sujeito-Cultura-Ambiente. De acordo com Mariângela Quarente (2015), em seu site “Coletivo Ocupacional”,

[...] a terapia ocupacional está intensamente envolvida com a produção da vida ... com a criação do existir, de modos de estar no mundo e... a própria fabricação de mundos. Essa compreensão advém do simples fato de que a vida humana constitui-se, em uma de suas dimensões, num continuum de atividades. Vida é continuum de atividades.

No que tange à formação da autora, estas atividades têm sido enriquecedoras não só pelo âmbito acadêmico em si, mas pela vivência de momentos que se tornam singulares na formação de um terapeuta ocupacional em um ambiente museal.

Agradecimentos

À Carmen Lucia Garcia Nobre, pelo apoio fundamental e contribuição para a realização deste estágio. À Câmara Municipal da Batalha e à maravilhosa equipe do Museu da Comunidade Concelhia da Batalha, nomeadamente Ana Moderno e Emílie Baptista. Sem o apoio e incentivo de vocês a realização destas atividades não seria possível.

Referências

- BATALHA. Município de Batalha. Divisão de Educação e Cultura. *Museu da Comunidade Concelhia da Batalha*: catálogo. Batalha: Publicenso, 2011.
- BRASIL. Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 3 dez. 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2004/decreto/d5296.htm>. Acesso em: 26 jul. 2015.
- BRASIL. Decreto nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 15 jan. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 26 jul. 2015.
- CARVALHO, C. R. A. *A atuação dos Terapeutas Ocupacionais em unidades públicas de saúde na cidade do Rio de Janeiro*. 2010. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciências na área da Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2010.
- CREPEAU, E.; COHN, E.; SCHELL, B. (Ed.). *Willard and Spackman's occupational therapy*. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins, 2003.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T.; PRÁ, K. R. A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo. *Textos e Contextos*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 93-104, 2007.

MICHELON, F. F. Palavras que levam a imagens: Fotografia para ouvir. *Revista Discursos Fotográficos*, Londrina, v. 9, n. 15, p. 189-210, 2013.

MOTTA, L. M. V. M.; ROMEU FILHO, P. (Org.). *Audiodescrição – Transformando imagens em palavras*. São Paulo: Secretaria dos Direitos das Pessoas com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

QUARENTEI, M. *Coletivo Ocupacional*. Botucatu: Arte Blog, 2015. Disponível em: <<http://coletivoocupacional.arteblog.com.br>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

Contribuição dos Autores

Desirée Nobre Salasar: realização da intervenção, concepção do texto, organização de fontes, análises e redação do texto. Larissa Dall’Agnol da Silva e Francisca Ferreira Michelon: revisão, análises e orientação. Todas as autoras aprovaram a versão final do artigo.

Fonte de Financiamento

Ministério da Cultura – Edital Conexão Cultura Brasil – Intercâmbios.

Notas

- ¹ “Uma espécie de centro sócio-cultural onde se desenvolviam programas pedagógicos e filantrópicos que buscavam quebrar o isolamento da população marginalizada, ao mesmo tempo em que visava engajar os mais favorecidos – jovens universitários, por exemplo – em ações socialmente relevantes” (MOREIRA, 2002 apud CARVALHO, 2010, p. 15).
- ² Artes e ofícios (em inglês *Arts & Crafts*) foi um movimento estético surgido na Inglaterra, na segunda metade do século XIX. Defendia o artesanato criativo como alternativa à mecanização e à produção em massa e pregava o fim da distinção entre o artesão e o artista. Esse movimento defendia um retorno à vida mais simples, na qual o corpo e a mente poderiam ser engajados no trabalho gratificante que produzia delicados objetos feitos à mão (CARVALHO, 2010).
- ³ Especialista em Estudos de Tradução pela University of Surrey, Reino Unido. Responsável pelo Plano de Acessibilidade do Museu da Comunidade Concelhia da Batalha.
- ⁴ O plano de estágio no Museu da Batalha é orientado pelas professoras coautoras, Dra. Francisca Ferreira Michelon na área da museologia e acessibilidade cultural, e Larissa Dall’Agnol na terapia ocupacional.
- ⁵ O programa de extensão intitulado “O Museu do Conhecimento para Todos: Inclusão Cultural para Pessoas com Deficiência” é lotado no Departamento de Museologia, Conservação e Restauro do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas. Foi contemplado nos Editais Proext/MEC 2011 e 2014 para desenvolvimento em 2012 e 2015, sob coordenação de Francisca Ferreira Michelon.
- ⁶ O diário de campo é um instrumento utilizado pelo terapeuta ocupacional, no qual este anota as suas percepções ocorridas durante a realização das atividades. É um conceito antropológico de metodologia qualitativa. Segundo Falkembac (s.d. apud LIMA; MIOTO; PRÁ, 2007, p. 99), é “[...] uma forma de registro de observações, comentários e reflexões para uso individual do profissional e do aluno”.
- ⁷ Segundo Motta e Romeu Filho (2010), a audiodescrição é a transformação de informações-chaves do mundo visual para que pessoas com deficiência visual possam ter as mesmas informações que os videntes; portanto, a AD é uma forma de tradução intersemiótica.
- ⁸ WC no português de Portugal.